

Europa 2284

Centrado no ano de 2284, o texto descreve uma sociedade utópica («Nova Europa») e uma sociedade distópica («Velha Europa»), ambas ameaçadas de extinção por uma invasão oriental, de origem chinesa

A função de Reitor superior dos museus sobre a história da Europa tem-me feito conviver com espólios ancestrais, alguns deles verdadeiras relíquias do passado, que não me canso de admirar, mais, de espantar, tal a barbaridade de que são compostos.

Entre eles, uma das preciosidades provindas do fundo do tempo europeu, a do livro, objecto a que os meus antepassados atribuíram significativa importância. Os nossos museus abundam de livros, uns objectos materiais, feitos de vetusto papel – uma pasta sólida e dura de celulose – do tamanho de duas mãos abertas, onde os nossos ancestrais, com uma tinta líquida, usando um objecto designado por «Caneta», ou através de uma impressora mecânica, registavam as suas reflexões e os seus peculiares modos de vida. Amontoavam-nos às centenas, aos milhares, mesmo aos milhões, em edifícios apropriados a que chamavam «Bibliotecas», onde os nossos ascendentes acorriam para ler os caracteres neles inscritos. Outros, os mais recentes, eram comprados em lojas denominadas «Livrarias», levados para casa, constituindo objecto de distração – de leitura – para adultos como os brinquedos o eram para crianças. Tudo cabia dentro do livro, tanto a formação mais especializada quanto o divertimento mais atrevido. Verdadeiramente, constituía para os nossos antepassados um autêntico objecto mágico, a que atribuíam uma importância desmesurada, verdadeiro repositório da cultura de cada uma e de todas as épocas desde a criação do lendário Império Helénico no Mediterrâneo.

No tempo presente, espantar-me-ia que algum dos meus contemporâneos reconhecesse o significado da palavra «Livro», com excepção, evidentemente, dos Reitores que, como eu, se debruçam sobre as relíquias do passado, mantendo viva a memória de antigas civilizações humanas. Espantar-me-ia que os nossos Cidadãos Dourados, a maioria da população dos Conglomerados, entendesse o significado da palavra «Livro» sem activar a enciclopédia neuronal do seu hiper-

-córtex. O mesmo direi dos instrumentos que lhe estão intimamente ligados, como «Caneta», «Lápis», «Tinta de Escrever», «Papel», ou, recuando no tempo, «Cálamo», «Pena», «Estilete», «Papiro», «Manuscrito», palavras correntes no seu tempo e hoje praticamente desconhecidas senão por Reitores que se dedicam a colher informações históricas para o Grande Cérebro Electrónico.

Desde há 150 anos que projectamos e registamos o nosso pensamento no Grande Cérebro Electrónico cuja mínima função presta ordem sintáctica e lógica aos imperfeitos raciocínios humanos, aformoseando-os segundo os preceitos da Grande Ordenação.

A escrita em papel tornou-se, desde então, um acto desnecessário, aliás, passou a ser considerada um acto de barbaridade, devastador de florestas. Ninguém hoje sabe escrever senão os hermeneutas museológicos que interpretam e esclarecem o espólio dos museus relativos aos tempos grosseiros do passado. Ninguém sabe escrever porque ninguém precisa de escrever. O nosso hiper-córtex artificial encontra-se biologicamente preparado para registar os pensamentos e enviá-los mentalmente para os nossos concidadãos e para o Grande Cérebro Electrónico, que nos aconselha na acção. Basta indicar-lhe as condições sociais e existenciais em que nos encontramos e os resultados que desejamos, ou, noutra linguagem, a «situação» e a «finalidade», e ele conversa connosco em linguagem *Universalis*, responde-nos se sim, se é possível, como e quando é possível e o que devemos fazer para que os nossos desejos se tornem realizáveis tendo em conta a totalidade da sociedade.

É considerado um acto caprichoso, fútil e herético, passível de aplicação de uma fortíssima Multa Comportamental, uma decisão pessoal que não tenha em conta os ditames do Grande Cérebro Electrónico, ou seja, que não tenha em conta os seus «aconselhamentos» que, por serem lógicos e se submeterem às necessidades sociais, são considerados, verdadeiramente, como sábios.

A actual filosofia da Europa é profundamente humanista. Somos livres de pensar, de propor, de levantar alternativas de vida, de querer e desejar, mas devemos atender aos conselhos sábios do Grande Cérebro Electrónico, que reúne a experiência de mais de um século de sabedoria social, não permitindo que, devido aos desejos individualistas e narcisistas de cada Cidadão Dourado, a organização científica dos Conglomerados se estiole, enfraquecendo-se, regressando aos velhos tempos da desigualdade e da injustiça sociais e de uma aterradora inibição das potencialidades de cada cidadão.

Vi-me na necessidade de aprender a usar a técnica da caneta, da tinta e do papel porque a inesgotável fonte de energia geotérmica que alimentava a nossa civilização foi cortada. Os Mandarins abateram a rede europeia de abastecimento

de energia a partir das oito centrais geotérmicas instaladas no centro da Terra e sabotaram com demolidores raios fotónicos o circuito de tubos secundários.

Hoje, paradoxalmente, últimos dias da civilização humanista que os nossos Pais Fundadores criaram há cento e cinquenta anos, designada por Nova Europa, vencedora da Europa bárbara e cruel do passado, vejo-me obrigado, titubeantemente, sem grande convencimento, a regressar ao antigo papel de pasta de madeira e às velhíssimas canetas de tinta sintética do museu do Conglomerado Principal para registar por escrito as minhas impressões pessoais. Fui escolhido pelo Conselho dos Pantocratas para esta missão mecânica e artesanal de assentamento dos últimos dias da nossa civilização, para que os europeus do futuro, sobretudo os europeus humanistas como nós, se um dia voltarem a dirigir este pequeno território do mundo, saibam que entre a antiga Europa bárbara, até ao ano de ano de 2134 e a doravante Europa dominada pela Absolutismo Oriental, nascida este preciso ano de 2284, existiu uma Europa Humanista, racional, bela, justa, farta, igualitária, comunitária, onde todos os cidadãos eram felizes e a liberdade reinava como um valor absoluto, já que, mesmo quando os conselhos do Grande Cérebro Electrónico reprovavam tal ou tal acção individual ou comunitária, nunca a proibia e encontrava sempre meios e instrumentos de os Cidadãos Dourados viverem mental e intensamente os seus desejos, como se em concreto os tivessem vivido, assim registando na memória a sua aparente vivência. No seu passado pessoal, poderiam ser sempre tudo o que tivessem querido ser, cancelando na sua memória individual (que o Grande Cérebro Electrónico gravava indelevelmente) os registos da sua verdadeira existência, passando a viver a partir de então outra vida, outra existência, a que quisessem e os satisfizesse ou realizasse. Não raro, cada Cidadão Dourado não possui – possuía – uma vida, mas múltiplas, tantas quantas os seus desejos ambicionassem.

Sem energia, o nosso querido Grande Cérebro Electrónico e a rede bio-neuronal que administrava os Conglomerados finaram-se, desligados das oito centrais geotérmicas.

As estações aéreas e as naves dos Mandarins estacionaram nos céus da Europa. Lá fora, nas ruas rolantes dos Conglomerados, nas instituições reitorais e sincretistas, reina o pânico. Um pânico suave, controlado, mas epidémico e crescente. Informados, todos os neo-europeus esperam o pior, o Fim, nunca previsto nem sequer imaginado. Pensávamo-nos eternos, alimentados gratuitamente pela energia infinita da força do centro da Terra. A última mensagem do Grande Cérebro Electrónico, escrita em linguagem informática *Universalis* pelo Patriarca do Conselho, dirigida à mente da totalidade dos

Cidadãos Dourados, alertou-os: a partir daquele exacto momento deveriam manter-se unidos, aplicar os princípios da filosofia humanista que sempre nos tinha governado e não oferecer resistência, nem à potência asiática, nem aos Bárbaros nossos vizinhos de fronteira, habitantes da Velha Europa, os territórios que designamos por Baldios, zonas não governadas pelo Grande Cérebro Electrónico, separadas dos Conglomerados pelo Cordão Verde de Segurança. Os habitantes da Velha Europa, assentes em antigas filosofias individualistas, esperam igualmente o fim. Porém, sem hábitos de disciplina e objectividade, o pânico deve já ser neles patente e sei que, buscando auxílio e protecção, ultrapassaram as fronteiras electrónicas, ora desligadas, e invadiram os nossos Conglomerados. Desequilibrados, como é de seu natural, inclinados à obediência do seu cérebro reptiliano, desorientaram-se, aterrorizaram-se, extravasando-se emotivamente. Pilhagens e assassínios, invasões de Conglomerados e mortandades colectivas, desconhecidos da nossa civilização, já foram cometidos. Os nossos cidadãos, pacifistas, não resistem, limitam-se a falar ao cérebro racional dos Bárbaros, que os não ouvem e muito menos os compreendem. Eles, que nada têm de seguro, apoderam-se dos nossos bens, incapazes de compreender que o inimigo é comum, que nada há a fazer, apenas esperar serenamente que o Absolutismo Oriental dê o último passo, descendo dos céus, e nos invada. Desconhecemos o nosso futuro, mas permanecemos exteriormente serenos, embora interiormente em estado de alerta emotiva. As últimas informações chegadas ao edifício da Reitoria do Conglomerado Principal detectaram o grau sete de alerta vermelho. Estou seguro de que atingiremos o grau oito. Controlamo-nos, pelo que nunca atingiremos o nono, muito menos o décimo, grau normal dos nossos vizinhos Bárbaros. Cada Conglomerado sabe o que deve fazer.

Os dirigentes do Absolutismo Oriental transferirão 500 milhões de habitantes da Ásia e da África para o continente europeu, exterminar-nos-ão ou escravizar-nos-ão, a nós, por eles designados como Nativos. As suas estações aéreas e as suas naves rodeiam a Europa, estacionadas no céu. Penso que não passará outro mês até que a invasão seja metodicamente processada, meticulosamente, como é seu hábito e o praticaram em África, apoderando-se dos grandes jazigos de matérias-primas. A Europa, toda ela, não possui nenhum filão extraordinário de matéria-prima e os dirigentes asiáticos não estão interessados em matéria humana, que teriam de alimentar. Os Bárbaros, habitantes dos Baldios, revelar-se-iam resistentes e indomáveis. Os mais racionais, totalmente racionais, como nós, revelar-se-iam inúteis para o trabalho e desnecessários como criados ou lacaios. Os andróides substituem-nos.

O antigo Império Chinês, verdadeiro senhor da totalidade da Ásia e da África, hoje resgatado com a designação de Grande China, dominada pelo Absolutismo Oriental, firmado na antiga filosofia burocrática e disciplinadora de Confúcio, contraposta à filosofia livre, racional e humanista da Nova Europa e do Liberalismo Americano, necessita de território para transferir os seus excedentes demográficos. A Grande China criou nos últimos anos os instrumentos científicos de acesso às nossas oito fontes de energia, sabotando-as e desligando-as. Sentimo-nos impotentes, nós, os últimos verdadeiros europeus humanistas. A nossa Bolha Hiperatómica de Protecção e Segurança, penhor da nossa saudável e tranquila existência, foi desligada por carência de energia, e as nossas naves, superiores às orientais, desconectadas por iniciativa dos Pantocratas, que recusaram gerar uma mortandade através da resistência activa nos céus da Europa. Os propulsores atómicos venceriam a primeira legião de naves orientais, porventura a segunda, nunca a terceira e as restantes. O território da Europa ficaria devastado, infestado e contaminado por radioactividade atómica por três mil anos, de nada servindo para o vencedor, e nós, os vencidos, os Europeus, desapareceríamos definitivamente da História. O Grande Cérebro Electrónico, calculando as perdas e os ganhos, foi taxativo – se nos rendermos, é possível que no futuro, um futuro longínquo, a Nova Europa ressurgja, através da passagem dos valores da nossa tecnologia para a Grande China e possivelmente com populações mulatas, euro-chinesas. É melhor aceitar esta probabilidade remota do que aceitar o definitivo grande vazio da história. Porventura, a Nova Europa irá dormir o grande sono de mil ou dois mil anos para que, posteriormente, uma nova civilização a estude através dos nossos registos electrónicos e reconsidere os nossos valores humanistas, fazendo-os reviver em novas instituições.

Em África, o Despotismo Oriental buscava matérias-primas e mão-de-obra para as suas gigantescas instalações fabris. Na Europa busca apenas território onde descarregar parte do seu excedente populacional, sobretudo crianças e velhos não abrangidos pela lei geral da eutanásia.

Em 2200, no dealbar de um novo século, os dirigentes chineses, de novo designados por Mandarins, ordenaram a celebração da Grande Festa da Família, cujo acto central consistia na matança colectiva de todos os cidadãos asiáticos com mais de noventa anos, executados em antigos estádios de desportivos, para aqui transportados por filhos e parentes. Dançava-se, comia-se, bebia-se e no final os nonagenários separavam-se dos seus parentes em grandes abraços saudosos, as famílias instalavam-se nas bancadas, os velhos nos relvados centrais, naves militares enlaçavam o conjunto dos idosos com raios fotónicos e os seus

corpos, decompostos instantaneamente, desapareciam no ar, transformados em moléculas ou células, sugadas por aspiradores celestes, que as projectavam para o espaço planetário, onde eram varridos e queimados pelos ventos solares.

Há 24 anos, em 2260, registou-se a primeira ameaça. A Grande China pediu autorização à Nova Europa para o extermínio total dos Bárbaros existentes no território europeu. Orientado pelo Grande Cérebro Electrónico, o Conselho de Pantocratas, composto por todos os neo-europeus com mais de 130 – cerca de uma centena –, recusou liminarmente em nome dos valores humanísticos formadores da Nova Europa, que negam a utilização da violência, qualquer tipo de violência. Segundo a Grande Ordenação, não existem guerras justas, todas as guerras são consideradas injustas, característica duradoura e essencial do estado selvagem da humanidade até ao nascimento da Nova Europa. O Conselho de Pantocratas, ainda que considerando desprezíveis as populações bárbaras dos Baldios, homens que vivem em estado de permanente animalidade, não podia consentir na sua exterminação sem grave ofensa de princípios éticos. Recusou. Uma década posterior, a Grande China, em nome da totalidade da África e da Ásia, exigiu de novo a posse dos territórios baldios e a consequente exterminação da população bárbara. Alegou não ser esta uma população europeia, na sua grande maioria descendente de africanos, árabes, latino-americanos e orientais imigrados para a Europa nos séculos XX e XXI, filhos de filhos de párias intercontinentais, híbridos genéticos. Os Pantocratas alegaram não fazer distinção genética entre os homens da Terra, apenas distinção ética. Se o fizessem, deveriam igualmente considerar os chineses como uma subespécie inferior, como estes o estavam fazendo relativamente aos povos bárbaros da Velha Europa. Os Mandarins retorquiram caluniando os membros do Conselho, acusando-os de aristocratas, elitistas e humanistas. Os Pantocratas reafirmaram a honra de pertencerem a uma estirpe humanista, mas negaram a pretensão, sequer imaginável, de se considerarem aristocratas e elitistas. A existência tranquila, cómoda e farta dos Cidadãos Dourados constituía prova provada. Nenhum habitante da Grande China, nem mesmo o puro genuíno descendente dos ancestrais chineses, gozava de semelhante privilégio de abastança alimentar, de vida feliz e de total liberdade, mesmo mental. Na Nova Europa todos os homens eram absolutamente iguais e livres, milimetricamente iguais do nascimento à morte. Há menos de um ano, os dirigentes superiores da Grande China informaram o Conselho de que a situação no seu continente se tornara demograficamente insustentável, tinham descido para 80 anos o tempo máximo de vida e, mesmo assim, esta medida profláctica deveria crescer num aumento populacional, em dez anos de um bilião e meio a dois biliões

de habitantes em África e na Ásia, atingindo a soma total inimaginável de dez bilhões de habitantes. Uma nova geração de dirigentes chegara à cúpula do Grande Império Chinês, ansiava subir de novo para 90 anos o limite máximo de vida, única medida que não geraria a curto prazo uma quebra no rendimento económico e na qualidade de vida dos asiáticos, especialmente dos chineses. Decidiram, então, baixar para 80 anos o limite de tempo de vida dos africanos, exterminando em dois anos cerca de 500 milhões de negros, poupando em alimentação, tratamentos e roupas. Ainda assim, o excedente de asiáticos permanecia. Os Mandarins superiores, reunidos em Xangai, analisando fria e cuidadosamente o mapa do mundo, decidiram reivindicar o território europeu como continuidade territorial da Ásia e descarregar no seu espaço cerca de 500 milhões de chineses, redimensionando-o e passando a designá-la, à Europa, Velha e Nova, por «Ásia Ocidental». O Conselho de Pantocratas receava que esta nova cúpula de Mandarins aniquilasse todos os europeus – os corpos decompostos e as células e moléculas constituintes fumigadas em conjunto para o espaço interplanetário.

Num curto período de negociações, em que participei, os responsáveis chineses nunca deram a entender qual o destino dos neo-europeus. Os Bárbaros, esses, não havia dúvida, tinham sido condenados ao aniquilamento. Num último esforço de negociação, os Mandarins instaram para que os neo-europeus se deslocassem para a América do Sul. Evidenciavam, assim, o respeito que lhes merecia o continente que dirigira o mundo durante cerca de três mil anos e os 100 milhões de habitantes descendentes dos antigos europeus, hoje habitando nos Conglomerados. O Conselho de Pantocratas declinou a oferta e dignamente recusou abandonar a terra dos seus antepassados, consciente de que apenas pela guerra e pela opressão e domínio das populações nativas se conseguiria instalar 100 milhões de neo-europeus entre as pampas do sul e as florestas centrais da Amazónia. O Conselho chamou delicadamente a atenção dos Mandarins chineses para a impossibilidade de as suas armas penetrarem a nossa Bolha Hiperatómica de Protecção e Segurança. Estes nada retorquiram até cerca de um mês, quando as suas naves estacionaram no nosso céu. Nesse dia aterrador, quando o céu dos Conglomerados escureceu com um brilho sombreado metalizado, constituído por centenas de estações de transplante de mais de 500 milhões de chineses, crianças e velhos, olhámos para os nossos pés e as nossas ruas não rolavam e o plastifex dos nossos edifícios não se adequava aos nossos desejos ou necessidades e cada Cidadão Dourado, desconectado do Grande Cérebro Electrónico, viu-se na mais inconsútil solidão, sem saber o que fazer, o que querer, o que pensar e como interpretar os novos sinais

do céu. Gaguejando, reaprendeu a falar, activando a língua e o ar fonador, buscando palavras adequadas no fundo inconsciente da mente. Já não bastava pensar para comunicar, era preciso falar, falar de novo, articular os lábios com a língua, esta com os dentes e todos estes órgãos com o sopro do ar da respiração. Nos primeiros dias, a maioria dos nossos cidadãos engasgava-se, tossindo abruptamente, abrindo desmesuradamente a boca, ansiando por um ar forte que lhe limpasse a garganta. Buscavam goradamente nos ventiladores das casas o pó alimentício, que, inspirado, lhes saciava a fome, ou o pó de lavagem que, atravessando o corpo, o desinfectaria das toxinas suadas. Porém, os ecrãs pretos e mudos das paredes assinalavam que o Grande Cérebro Electrónico se encontrava desligado e não havia já lugar para ordens, conselhos, recomendações, directivas sobre o que pensar e fazer, alternativas à alimentação que deixara de haver e à água que desaparecera. Os Depósitos de Pulverização Alimentar foram assaltados por bandos de Cidadãos Dourados desesperados, antes de caírem nas mãos dos Bárbaros, quando estes constataram estar desligado o Cordão Verde de Segurança.

Há 200 anos – em 2184 –, após a Grande Fome, motivada pelo açambarcamento de bens e especulação de preços, consequência do esgotamento dos combustíveis fósseis e da perversão dos ritmos da natureza pela alimentação transgénica, um conjunto de sábios, assim mesmo denominado, o Clube dos Sábios – filósofos, cientistas, ecologistas, engenheiros biológicos – lançou um apelo ao Homens Bons de toda a Europa, que abandonassem as cidades, lugares de fome e de violência, e reconstruíssem outras novas no interior dos países, cidades sem nome, designados por Conglomerados, onde a ciência e a tecnologia, a economia e a política fossem postas aos serviço de valores humanos de concórdia e harmonia.

O primeiro impulso de abandono das velhas cidades, algumas com cerca de 20 milhões de habitantes, decadentes, desorganizadas, com reduzidos serviços educativos e hospitalares, entregues a empresas de mercenários que deram origem aos futuros Clás, a maioria dos mortos atirados para monturos, sem enterro ou incineração, muitas delas sem electricidade nem abastecimento de água canalizada, deu-se na antiga Lisboa, num dos inúmeros Congressos de Sábios realizados por estes anos finais da Europa, em 2084.

Foi então fundado a rede «A Nova Europa», constituída por um pequeno comité de dirigentes de todos os antigos países da União Europeia, cujos nomes se mantiveram secretos, que se dispôs a preparar e a organizar o primeiro Conglomerado numa região inóspita e semi-desértica de Portugal chamada «Baixo Alentejo». Até 2100, iniciaram-se os preparativos da primeira vaga de

abandono das cidades, hoje designada, na nossa história, por «Êxodo», e na noite da passagem do século XXI para o XXII teve lugar gradual e ordenadamente o grande êxodo que, 84 depois, em 2184, alimentado por novas descobertas científicas, se espalhava pelos campos interiores de toda a Europa, até à velha Rússia, nunca a menos de 200 quilómetros das antigas cidades, então em estado absolutamente mortal no que se refere a condições saudáveis de vida.

Assim nasceram os primeiros Conglomerados, cuja construção e organização racional, assente na Grande Ordenação e num primitivo computador vigilante e ordenador de comportamentos individuais, contribuiu para um rapidíssimo sucesso entre as antigas populações, que a estes acorreram maciçamente. O Clube de Sábios determinou, porém, registando-o na Grande Ordenação, lei sacratíssima, que, tendo em conta a extensão e a qualidade dos novos territórios, a Nova Europa não devia ultrapassar os 100 milhões de habitantes, limite até hoje nunca transposto. Milhões de moradores das antigas cidades aderiram, assinando electronicamente, em juramento virtual de sangue, o texto da Grande Ordenação. São os Pioneiros, ou os Pais Fundadores, de que não restam nem nomes nem imagens senão num ficheiro secreto do Grande Cérebro Electrónico, que nunca será decodificado.

Face à Velha Europa, dominada por nações, famílias e personalidades narcísicas, fundado num inconcebível super-atroz individualismo egotista, decidiram os nossos Pais Fundadores que da história feita e a fazer nunca constassem personalidades individuais. Somos uma espécie animal que em comunidade avança, sendo dever de cada membro contribuir, não para o enaltecimento de si próprio, como elemento separado e desgarrado do todo, mas para o sucesso conjunto da comunidade. Todo o cidadão da Nova Europa é instigado a criar, a inventar, a descobrir novos bens, novos produtos, novas realizações, contributos essenciais para o aperfeiçoamento do todo social. Porém, todos sabem que, por superior que seja o contributo, o nome do seu descobridor ou inventor não ficará registado nos arquivos do Grande Cérebro Electrónico nem difundido entre os seus concidadãos, ao contrário dos bárbaros que hoje prolongam a Velha Europa, que tudo perseguem, mesmo o crime, para que o nome individual seja louvado, engrandecido e divulgado – o que designam por Fama ou Glória. Não se trata de uma política de anonimato porque não existe nenhuma política de difusão de nomes individuais. Trata-se de uma nova concepção de História, uma história humana fundada na comunidade, na realização de uma sociedade totalmente comunitária, isto é, igualitária e justa, na qual cada membro contribui com o máximo das suas potencialidades recebendo em troca a satisfação integral das suas necessidades.

Na Velha Europa de hoje, coabitando a nosso lado, reside a continuação da antiga Europa individualista e grupal, separada por nações e línguas. Esta antiga Europa, após um século de esforço titânico de união, entre 1950 e 2050, desintegrou-se. A especulação bancária, a substituição do valor económico das mercadorias pelo seu valor financeiro, o desregramento luxuoso de produtos de conforto e de vaidade, que nada acrescentavam à qualidade de vida dos cidadãos, o desregulamento caótico das mercadorias, distribuídas com excesso volumoso de oferta para a escassez máxima da procura, sem harmonização regulamentada do Estado, as ambições desmedidas individualistas para competências vulgares, o esgotamento de inúmeros recursos naturais, a falta de liquidez dos Estados, o ressurgimento de antigas rivalidades nacionalistas, a mediocridades das elites, mais apostadas em salvar a pele, garantindo um forte aforro, do que salvar a comunidade, fizeram a Europa implodir depois de 40 anos de arrastamento decadente. Em 2050, foi autorizada a criação livre de empresas de mercenários – empresas especializadas em «Defesa Pessoal» – que protegiam militarmente pessoas, empresários e instituições de pilhagens, raptos e roubos, embrião dos Clãs, grupos familiares e dinásticos armados que ocuparam as antigas capitais europeias, espalhando a violência e o terror. A necessidade de abastecimento de produtos comestíveis criou uma nova escravatura – populações indefesas inteiras ofereceram-se para trabalhar em troca de alimentação, só alimentação. Mesmo assim, contingentes de orientais e de africanos foram importados para a Europa, trabalhando dez a doze horas por dia em gigantescas fábricas e em vastas quintas dirigidas por jagunços dos chefes militares. A Velha Europa, hoje, constitui o prolongamento da antiga Europa dividida em bandos fortemente armados, comandados por dinastias familiares, os Clãs.

Nos anos iniciais do «Êxodo», os Pais Fundadores viram-se forçados a racionalizar a entrada de cidadãos nos Conglomerados provindos dos antigos territórios europeus, seleccionando os melhores daqueles, isto é, os mais racionais, os mais pacíficos e os mais amáveis, obrigando-os a jurar o cumprimento dos mandamentos inscritos na Grande Ordenação, inclusive a total obediência às Regras Comportamentais Individuais, sob pena de definitiva expulsão ou de gravíssimas Multas Comportamentais.

Em 2150, vinte por cento da população dos Conglomerados trabalhava na investigação científica. Procedeu-se então à descodificação dos elementos genéticos do cérebro humano e à modelização matemática das suas funções, bem como à invenção de tecnologia que permitia aceder à infinita fonte de energia geotérmica do centro da Terra. Foi o primeiro grande triunfo da Nova Europa,

a que se seguiu, dez anos mais tarde, a recombinação bio-informática do cérebro, momento de criação do primeiro cérebro humano verdadeiramente racional, desprovido de sentimentos e emoções – o hiper-córtex. Novo decénio e o Grande Cérebro Electrónico foi construído, isolado no primeiro edifício de plastifex, o primeiro edifício manipulável e diariamente adaptável às necessidades, com acrescentos imediatos de salas ou andares, ou, se desnecessários, com retirada de salas ou andares.

Em 2170, foram criadas as redes neuronais e electrónicas de ligação do Grande Cérebro a todos os edifícios, ruas, lojas, casas e mentes individuais. Através de um implante bio-electrónico no neo-córtex frontal e através de uma lentes especiais apostas no globo ocular de dez em dez anos, a comunicação com o Grande Cérebro e com a mente das pessoas tornou-se instantânea.

Finalmente, em 2184 nasceu o primeiro bebé da Nova Europa com o implante de comunicação informática e electrónica incorporado no cérebro – o hiper-córtex –, um acrescento às redes neuronais naturais que veio permitir a comunicação mental sem a remoção e substituição de implantes cerebrais de dez em dez anos. Nestas datas, e até aos trinta anos, é apenas conferido o grau de absorção pelo cérebro das alterações genéticas introduzidas no genoma pessoal.

Ao mesmo tempo, os nossos laboratórios criaram os aparelhos electrónicos de segurança e defesa em torno das fronteiras – o Cordão Verde de Segurança –, permitindo assim a eliminação do primeiro e único exército de defesa da Nova Europa. Em 2120 foi construída a Bolha Hiperatómica de Protecção e Segurança que definitivamente nos protegeria de qualquer ameaça exterior.

O que presumíamos definitivo revelou-se, afinal, provisório, e a Nova Europa, exemplo humano de perfeição, morre hoje às mãos da malícia oriental e da brutalidade ocidental. O que críamos ser uma civilização para milénios, tão completa e exemplar que nenhum poder seria capaz de aniquilar, revelou-se afinal das mais breves e provisórias. Se a contarmos em toda a sua extensão temporal, não terá atingido 200 anos, e se restringirmos ao momento da sua absoluta perfeição em termos de felicidade individual e de harmonia social, terá atingido menos de um século de existência. Lamentável que a manha humana, antigo instinto animal de sobrevivência, possa destruir o que tão perfeitamente foi criado a um nível racional.

Azenhas do Mar, Sintra, 28 de Janeiro de 2013

NOTA BIOGRÁFICA

Miguel Real nasceu em 1953. É Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e Mestre em Estudos Portugueses (com uma dissertação sobre Eduardo Lourenço) pela Universidade Aberta. É membro do CLEPUL – Centro de Literatura de Expressão Portuguesa da Faculdade de Letras de Lisboa e professor do Ensino Secundário. É autor dos romances *Memórias de Branca Dias* (2003), *A Voz da Terra* (2005), *O Último Negreiro* (2006), *O Último Minuto na Vida de S.* (2007), *O Sal da Terra* (2008), *A Ministra* (2009), *As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia* (2010), *A Guerra dos Mascates* (2011) e *O Feitiço da Índia* (2012). Da sua actividade de investigador e de ensaísta resultaram as seguintes obras: *Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em «Memorial do Convento» de José Saramago* (1998), *O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa* (2005), *O Último Eça* (2006), *Agostinho da Silva e a Cultura Portuguesa* (2007), *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa* (2008) e *Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa* (2008), *A Morte de Portugal* (2007), *Matias Aires. As Máscaras da Vaidade* (2008), *José Enes. Filosofia, Açores e Poesia* (2009), *Introdução à Cultura Portuguesa* (2011), *O Pensamento Português Contemporâneo. 1890-2010* (2011), *Nova Teoria do Mal* (2012), *Romance Português Contemporâneo. 1950-2010* (2012) e *Nova Teoria da Felicidade* (2013). Colabora regularmente no *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias* e na revista *Colóquio-Letras*. Foi agraciado com as seguintes distinções: Prémio Revelação de Ficção da APE/IPLB em 1979 (*O Outro e o Mesmo*), Prémio Revelação de Ensaio Literário da APE/IPLB, em 1995 (*Portugal – Ser e Representação*), Prémio LER/Círculo de Leitores 2000 (*A Visão de Tândalo por Eça de Queirós*) e Prémio Fernando Namora da Sociedade Estoril Sol, em 2006 (*A Voz da Terra*).